

Os incitadores do ódio e do crime

Os jornais monárquicos apareceram ontem zebrados de negro e com prosa inflammatória contra o regicídio. Nada temos a obtemperar à sua indignação, mas não deixaremos de fixar nalguns comentários divergentes as razões invocadas pelo seu sentimentalismo político, que se manifesta sempre no mesmo dia do calendário.

Por um pouco, o regicídio surgiu como um fruto das escolas «sem Deus nem religião», escolas que vieram após o cinco de Outubro, dois anos depois da tragédia do Terreiro do Paço. Nos meios monárquicos—segundo expõem os jornais que lhes são afectos—os reis foram vítimas da propaganda das ideias dos homens que fizeram a Revolução francesa, propaganda geradora de frutos de crime e de morte.

Os monárquicos fogem quanto podem em pôr o dedo na ferida, em aludir às causas do acontecimento que ontem comemoraram, rezando, vestidinhos de preto, durante uma hora, na mais chíc das três igrejas do Chiado. E' que esses centos de monárquicos enlutados durante vinte e quatro horas—a maioria dos correligionários não apareceu porque vive na secreta esperança de fornecer mais alguns ministros à república—ainda reindidem no erro que tão caro lhes custou.

Que grande reviravolta se operou nos seus espíritos. Já não se recordam de terem acusado João Franco de ter sido o covardo dos reis e da monarquia; esqueceram totalmente aquela frase dramática e acusadora da rainha D. Amélia para o ditador, apontando-lhe os cadáveres do marido e do filho: «Foste tu quem os matou»—absolvendo assim, sem o pensar e sem o saber, os dois homens que ela vivia no Terreiro do Paço dispararem as armas e exprimindo a mesma opinião de todos quantos a rodeavam—opinião que foi de norte a sul geralmente compartilhada. Foi essa convicção, que dominou todos os servidores da monarquia, quem deitou abaixo a ditadura, forçando o ditador, abandonado como se fora um leproso cujo contacto se teme e amaldiçoado como um inimigo implacável, a esconder-se nas suas propriedades da Beira, donde só saiu após a república.

Os próprios jornais monárquicos da época fizeram contra o rei D. Carlos uma campanha pessoal, violentíssima e muitos dos políticos azues e brancos insinuavam que se o rei

não liquidava João Franco este liquidaria o rei. Para dar bem a ideia do ódio que esse rei concitou contra si por causa da ditadura não deixa de ser oportuno recordar o comentário dum monárquico—José Maria de Alpoim—no seu refugio de Salamanca quando recebeu a notícia: «lá baqueou aquele canalha». O canalha era o próprio rei e este comentário saíu dum monárquico tão correcto nos seus deveres de cortejo que se apressou em ir ao telégrafo a enviar os pesames à viúva, sua rainha!

Como se não fôsse um ensinamento da história que todas as tiranias acabam numa poça de sangue ou numa poça de lama; como se a tradição várias vezes repetida de Júlio César não tivesse a tingi-la de sangue o punhal, várias vezes erguido, de Marcus Brutus—os monárquicos continuam fazendo a apologia do mais desenfreado despotismo, continuam incitando ao crime, semeando o ódio numa sociedade cansada de violências sistemáticas e arbitrárias, sociedade que é composta também por um povo que o *Correio da Manhã* de ontem afirmava cioso da sua independência, que o mesmo quer dizer da sua liberdade.

O *Correio da Manhã* esqueceu-se também, e como ele todos os seus correligionários, de que dias após o atentado os retratos dos regicidas apareciam à venda em grande número de estabelecimentos; esqueceu-se também daquele artigo do *Times* em que se referia esta grande verdade: os regicidas eram popularíssimos. E bem sabe o jornal monárquico, que nunca insultou a monárquica Carlota Corday que apunhalou Marat, que o povo português não é um povo de assassinos.

E' preciso fazer cessar definitivamente a sugestão pífida exercida por estes apologistas do crime, que já têm as mãos tintas do sangue ocasionado pelas suas epilepsias distorcionais. Incitaram Pimenta de Castro a vestir a farda e o quatorze de maio fez espadanar muito sangue; incitaram Sinóbio Pais às piores violências e este tombou mortalmente ferido na estação do Rossio. Só há uma maneira de o conseguir: opor pertinazmente às apologias da tirania a ideia de liberdade, que é imorredora no coração do povo e que constitui uma das suas mais fervorosas aspirações.

Os que lavaram o rosto coberto de tanta lama e de tanto sangue. A maior parte da colectividade mente—vive da mentira! E geralmente onde ela mais se manifesta é entre aqueles que se afirmam intelectuais. Só assim se compreende que uma minoria de homens, pervertidos pela Mentira, possam ignominiosamente dominar a maioria, menos culta e por esse facto menos mentirosa, em detrimento dos belos princípios da Verdade, há séculos perseguida por uma corte de letrados e de libertinos, que ainda não desapareceram de todo e se desaparecerão quando a ignorância popular lhes conhecer todas as suas manhas e depois de ter chegado a hora de as «élites» encaminhadoras do Progresso poderem pôr cobro a tamanha exibição de cinismo e hipocrisia, trabalho este que será concluído pelos apóstolos da Verdade, que não recarão impor a todos esses *ilustres cavalheiros* uma mudança nos seus processos de viver e muito menos lhes custará a eles—idealistas propagadores duma nova sociedade—em caso de recusa, convencê-los a aceitar o novo meio que se criará, donde deve infalivelmente resultar uma nova mentalidade, longe da fúria e do contacto sinistro dos corvos da Mentira.

Manuel RAMOS
Aos assinantes
—DE—
A BATALHA

Muitos dos nossos assinantes têm mostrado o desejo de que procedamos, mensalmente, à cobrança das suas assinaturas e outros prontificam-se a enviar a respectiva importância directamente à administração, devido às dificuldades que têm para proceder ao pagamento dos recibos por habitar em sítios onde isso se lhes torna dispendioso. Como vamos proceder à cobrança do mês que findou, chamamos a atenção dos nossos assinantes nas circunstâncias referidas e aguardamos que, todos, façam, prontamente, o pagamento das suas assinaturas por intermédio do recibo de cobrança ou enviando a respectiva importância pela forma que se lhes torne mais viável.

A ADMINISTRAÇÃO

O TIPO ÚNICO DE PÃO

Foi posto à venda para se voltar ao regime anterior e fazer-se novo aumento de preço

afirma-o à «Batalha» um manipulador de pão

Volta a agitar-se a questão do pão. Começou antontem a vigorar entre nós o regime do tipo único. Cumpria-nos procurar algum que, pela sua situação, pudesse informar os nossos leitores das vantagens ou prejuízos que esse regime nos traz. Assim avistámos-nos com um dos nossos estudiosos elementos componentes da classe dos manipuladores de pão, que accedeu amavelmente a elucidar-nos.

A nossa primeira pergunta, se o tipo ultimamente decretado e posto em prática convinha ou não à população, respondeu-nos prontamente:

—Se o decreto que começou a vigorar antontem fôsse cumprido rigorosamente, o consumidor só tinha a lucrar, tanto sob o ponto de vista alimentar como material.

Como assim?

—Eu lhe digo. As classes, pobres, as que consumiam pão de segunda qualidade, passavam, no regime actual, a ter pôde muito melhor qualidade que aquele, aumentado apenas de 20 centavos em cada quilo. As restantes classes, que consumiam o pão fino, conseguiam com o tipo único, mais barato, um pão com muitas mais qualidades alimentícias. Já vê que todos lucravam.

—Mas... mas o decreto não é cumprido rigorosamente, pelo que o consumidor está mal servido. Vou agora expor-lhe as razões desta minha afirmação.

Uma porta falsa, para a moagem continuar a roubar-nos

«Em primeiro lugar, as fabricas de moagem podem, desde que se munam de uma autorização especial passada pelo ministério da Agricultura, fabricar farinha fina, para massas e bolachas. Ora esta pequena coisa, que parecerá a muita gente uma coisa sem importância, pode dar origem a grandes fraudes pois a moagem, aproveitando-se dessa autorização, extrai da farinha destinada ao pão, por meio de peneiras, uma grande parte de trigo, que destina às farinhas finas, deixando para o fabrico de pão, uma farinha de inferior qualidade.

«Outro motivo da má qualidade do pão do tipo único é a sua má manipulação. Iamós a interromper o nosso amável interlocutor, mas ele, adivinhando-nos o pensamento, não deixou que formulássemos a pergunta e disse-nos:

—Não vá supor que aquela minha afirmação envolve de qualquer maneira a dignidade dos manipuladores de pão. Nada disso. A má manipulação não é da responsabilidade dos operários, mas sim dos industriais, que exigem de cada operário um trabalho superior às suas forças, obrigando-o com isso a produzir pior.

«Ainda outro motivo que origina o péssimo aspecto do pão actual, em algumas casas:—Há várias padarias independentes que tinham grandes stocks de farinha de segunda e que não hesitam em a misturar agora com a farinha do tipo único.

—E no que respeita ao pão pequeno?

—Isso é um roubo descarado, autorizado pela própria lei. Estabelece o decreto que pode fabricar-se pão de formato pequeno, até 150 gramas, para ser vendido sem ser pesado. Como se vende cada um desses pães, tipo carcaça, a \$45, sucede que cada quilo desse pão sai ao consumidor a \$300, e pode até vender-se mais caro, pois o industrial, querendo, pode mandá-lo fabricar com o peso que entenda, não lhe acarreando esse gesto a mínima responsabilidade.

O tipo único provoca a crise de trabalho

—E sob o ponto de vista de interesse da classe dos manipuladores, qual é a sua opinião?

—E' lhe prejudicial, pois com o tipo único vem a crise de trabalho. Com o regime anterior, de mais de um tipo de pão, empregava-se maior número de operários, o que não sucede agora que apenas se fabrica pão de quilo e meio quilo, além das carcaças.

—Quanto à redução dos salários anunciada pelos industriais independentes?

Os industriais independentes prejudicados nas fraudes que faziam

—Não tem razão de existir essa ameaça. Esses senhores alegam que o actual decreto lhes cerceou os lucros, o que não é verdade. E senão veja:—Com 75 quilos de farinha conseguem-se 203 pães de meio quilo, abatendo 8 para contrapêso ficam 195. Onde está, como eles dizem, a redução de receitas? O que há é redução de probabilidades de fraude. Até aqui, a maioria desses senhores misturava uma saca de farinha escura em cada 3 de farinha fina. Agora não podem fazer isso, e queixam-se então que lhes reduzem os lucros...

—Parece-lhe viável que o pão aos domicílios seja vendido pelo mesmo preço por que o é ao balcão?

—Assim devia ser, mas para isso era necessário que os vendedores ambulantes se compenetrassem de que deviam reclamar o vencimento, ao contrário do que agora fazem. Mas isso não é possível, pois uma grande parte desses vendedores têm interesses nas casas de onde se fornecem.

—E os industriais poderiam satisfazer essa reclamação, no caso de ela chegar a ser formulada?

—Incontestavelmente, pois a maioria das padarias vive mais das vendas ambulantes que da venda que fazem ao balcão.

Para terminar:

—Parece-lhe que o tipo único vigorará por muito tempo?

—Estou convencido que não. Era desejo dos industriais e da moagem aumentar o preço do pão, especialmente o de segunda. Não era fácil fazê-lo sem uma plataforma. Estudaram o caso e chegaram à conclusão

AS CARNES

A importação de gado não se fez há mais tempo por conveniência dum restrito bando de especuladores

Na excursão dos trinta e cinco jornalistas a Évora—excursão que não foi do número anunciado com a censurável agravante de nem todos serem jornalistas—houve discursos. Nem podia deixar de assim ser se tivésemos em conta que a eloquência, mesmo no Alentejo, é uma realidade assustadora. E' claro que não faltou quem aproveitasse a ocasião para puxar a braça à sua sardinha, aí pela altura dos brindes que costuma ser fortemente inspiradora...

Um lavrador, um grande lavrador mesmo, abordou a questão das carnes, com um notável sentido de oportunidade. Analisando a falta de carne existente, o senhor da lavoura, cujo nome é desnecessário citar, demonstrou-se decididamente partidário de que as carnes continuem faltando. Os leitores de certo não extranharão este critério, pois que é desse senhor da lavoura que se trata.

Não teve esta criatura uma só frase ou uma só ideia tendo em conta os interesses dos consumidores, preferindo pô-los de parte para tratar exclusivamente dos dos fornecedores.

O orador alentejano e «fôrça viva» teve pelo menos um mérito: o da franqueza. Para ele nesta questão das carnes os consumidores não contam, não existem, embora eles constituam uma maioria—cuja capacidade de resignação é, pelo visto, inexgotável. Só há, dentro dela, os interesses da lavoura nacional, interesses que são sempre ordens que sempre se cumprem.

Pedi o homemzinho que não se importasse gado senão quando faltasse o nacional, mas que essa medida devia ser tomada de maneira a não prejudicar os interesses dos exploradores que vivem dentro das fronteiras. Não se pode ser mais explícito, parece-nos...

A questão de carnes apresenta-se tal qual a pintámos. Acabou-se a importação de gado porque ele fazia concorrência aos que pretendem fechar o país ao que se produz em todo o mundo por meio de repressivas pautas alfandegárias—e a carne subiu imediatamente de preço e depois escasseou. Enriqueceram os magnates das carnes e os consumidores ficaram reduzidos a faltar os talhos vazios. O recurso de importar a carne impunha-se e não haveria um minuto de hesitação a pô-lo em prática se, porventura, houvesse o desejo de libertar um pouco a população dos maneios duma autêntica quadrilha de exploradores, que é, não o duvidem, a pior espécie de malfeteiros que tem aparecido à superfície do globo.

Pois só agora se deitou mão desse recurso, o que prova que os especuladores prosseguem, vitoriosos, roubando a população, provando-se também que os exploradores continuam com licença para esmoear aqueles a quem têm vindo roubando, impunemente, há largos meses.

Essa medida não foi tomada, de certo, há mais tempo porque a escassez de carne estava dando origem a negociações esplêndidas que nenhum desses patriotas que interferem na questão ousava interromper. Era necessário esperar que os que estão envolvidos na especulação dissessem que já não queriam ganhar mais dinheiro.

Nós reclamamos mas é que a importação de gado se faça de maneira a fazer encolher as garras dos que estão neste momento metendo as mãos nos bolsos da população. E reclamamo-lo acentuando que, para glória e prosperidade de alguns bandos sinistros, morrem, em Portugal, anualmente, cerca de 20.000 tuberculosos...

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de Pedidos à administração de A Batalha. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

que só este regime lhes proporcionaria poder fazê-lo. Daqui a algum tempo voltaremos ao antigo e nessa ocasião fixar-se há o preço do pão escuro em 2\$00, que é o preço do actual, passando o fino para 2\$60 ou para 2\$70. Será então ocasião para a Moagem vender a \$300 a farinha fina que, como acima lhe disse, está agora extraindo do trigo destinado ao fabrico do pão, ao abrigo da autorização para farinar para bolachas e massas...

ASPECTOS DO CAPITALISMO

Para não desaparecer, o capitalismo sacrifica brutalmente a passiva legião proletária

E' a falta de trabalho a calamidade mais visivelmente condenatória do regime capitalista.

E é só também perante ela que este se vê forçado a confessar a sua impotência para organizar a produção, em harmonia com os interesses gerais da colectividade.

Quando a vida encarece, criando mil dificuldades àqueles que unicamente vivem do seu salário, a imprensa mercenária a sôdo das castas privilegiadas procura sempre lançar a responsabilidade desse facto sobre os trabalhadores, alegando que a diminuição da jornada de trabalho, por «reduzir» a produção, é que tem sido a causadora das terríveis crises que ultimamente temos atravessado.

Quando surge, porém, o desemprego com o seu acompanhamento de trágicas misérias, estas suas mentiras são logo pulverizadas.

Em face deste flagelo, pior do que a peste e a guerra, a imprensa venal que já não pode chamar «preguiçosos, exigentes ou indolentes» às legiões de desgraçados que todos os dias batem baldadamente as portas das fábricas e oficinas encerradas, oferecendo os seus braços, seja por que preço for, limita-se a proferir então umas frases desconexas, a soltar uns leves lamentos, e a advogar com hipocrisia a adopção de medidas de auxílio e de assistência às famílias dos desempregados.

Esta indecência e estes lamentos são, porém, a prova mais palpável do reconhecimento, por parte dos seus defensores, da incompetência e incapacidade da classe capitalista para gerir a produção, pois, subordinando a unicamente aos seus interesses pessoais e não aos da comunidade, é intuitivo que ocasionará sempre, com mais ou menos intensidade, as desgraças e misérias que hoje mais do que nunca estamos observando.

Mas se já é pavorosa, neste momento, a falta de trabalho, fazendo-se sentir tanto na monarquia Inglaterra, como na democrática América e na Rússia, falsamente, chamada socialista, tudo nos leva a crer que ela ir-se há sempre acentuando com o progresso vertiginoso que ultimamente se tem feito no domínio da mecânica.

Cada vez se vai reduzindo mais o número de trabalhadores necessários para executar uma determinada tarefa, e será este fenómeno que, sem dúvida, mais rapidamente contribuirá para o aniquilamento do regime capitalista.

Ou o patronato se resolve a reduzir o horário de trabalho proporcionalmente ao rendimento sempre crescente da maquinaria moderna, criando assim aos trabalhadores melhores condições de vida, que lhes permitirão organizar-se, preparar-se e educar-se para uma obra consciente de transformação social, ou então, recedendo o desespero desta consciência do proletariado deixará as coisas correrem como até agora, e o mal ir-se há agravando sempre, trazendo como consequência fatal, num futuro mais ou menos próximo, uma revolta desordenada e inconsciente dos espoliados, animada quasi só por ódios inconscientes e de

sejos de vingança, que só à custa de dificuldades, de sofrimentos e de dores inarráveis é que conseguirá instaurar um modo de vida mais justo e harmonioso do que o actual.

Em qualquer dos casos, com mais ou menos violência, tudo terminará, porém, com a destruição radical do regime capitalista, porque não há outra solução para o problema e com o estabelecimento duma sociedade, donde tenha desaparecido o antagonismo dos interesses proveniente do regime da propriedade privada e do princípio autoritário.

A. BOTELO

Lamego tem tudo por fazer, mas não há trabalho...

LAMEGO, 29. — Com todo o seu desoloso cortejo de privações, a miséria vem assentar arraiais nesta cidade. A vasta crise de trabalho assola todos os ramos industriais, embora umas classes sejam mais afectadas do que outras.

A fome já transpôs os tágidos dos que produzem. E' desolador observar os corpos esqueléticos dos operários e dos da sua prole.

As classes da construção civil são as que mais sofrem o desemprego, mas as classes dos alfaiates e dos manufatureiros de calçado são também muito flageladas pela crise.

Entretanto, os industriais e capitalistas acham mais rendosa a colocação do seu dinheiro em bancos estrangeiros.

Os proprietários têm terrenos incultos numa extensão de inúmeros hectares.

O próprio Estado tem em construção a linha férrea de Régua a Lamego, mas não sai do seu rancho inadiável desde que há tanta gente sem trabalho. Com o emprego dos inactivos poderia intensificar-se a construção de pontes sobre o rio e na terraplenagem para assentamento da linha.

Estávamos esperanças nos projectos da Câmara Municipal do concelho, mas vemos com mágoa que são castelos armados na areia. Bairro operário nos terrenos das Chagas, estrada de ligação desta cidade às povoações de Figueira, Valdemig e Sande, reparações de caminhos rústicos, construção do saneamento, etc., tudo fica em águas de balnau, como sempre tem sucedido.

Lamego é uma terra onde tudo está por concluir ou por fazer, até as mais urgentes e inadiáveis necessidades cidadãs estão esquecidas. A par da imundície, está a falta de trabalho, a par da falta de água, está a falta de trabalho, a par de ruas e estradas intransitáveis, está a falta de trabalho, a par da crise de habitação, está a falta de trabalho, e tudo, e tudo que era massador enumerar.—C.

O desemprego na Inglaterra

LONDRES, 2.—O número dos desempregados diminuiu durante a semana finda em 24 de Janeiro, em 42.318, mas apresentando um aumento de 147.575, sobre a mesma data no ano anterior. O número dos desempregados eleva-se a 1.348.700.—L.

COMENTÁRIOS

OS PERIGOS E OS ERROS DA PROPAGANDA DEFECTISTA

Nem só a burguesia ou os falsos revolucionários fazem propaganda defectista. Essa propaganda daninha, mais perigosa que a perseguição dos governos e dos patrões, também é feita, muitas vezes, consciente ou inconscientemente, por quem se diz revolucionário ou militante da organização operária.

Estão nestas condições todos aqueles que, numa simples assembleia geral dum sindicato convocada para tratar dos interesses da classe, dizem ser os trabalhadores os únicos culpados da situação, miserável em que se encontram; que os trabalhadores ainda sofrem pouco que é necessário que sofram mais a tirania burguesa; que os que não comparecem às assembleias pretendem é que os outros trabalhem para eles, etc.

Não concordamos com tal modo de fazer propaganda, que aliás não é propaganda mas defectismo.

Quem faz propaganda desta não pode ser considerado um revolucionário, nem ser tampouco um organizador, visto que os operários que o ouvem ficam com o 3.º pressão de ter ouvido um inimigo, que só lhes deseja, e não um camarada feroz e confiante, incapaz de desanimar ante os maiores reveses.

Ludibrio as assembleias e as multidões

do todo quanto há de mais perigoso; e o ludíbrio faz-se quando se lhes afirma que existe o que não existe, isto é, que podem fazer tudo quando afinal a sua força organizada é pequena. Mas mais perigosa e prejudicial é essa propaganda a que nos referimos feita de invecções.

O que faz falta é uma propaganda de encorajamento, que crie nos trabalhadores a energia que as perseguições da burguesia e a catequese dos reacçãoários augenta. O que é necessário é os operários adquirirem um carácter abnegado para sabermos manter-se firmes nas fileiras revolucionárias onde se combate pela sua emancipação; o que se necessita é não saber esperar, comperando-se todo o trabalhador do seu dever, como explorado que é, de marchar sempre sem se importar que marchem poucos. O movimento revolucionário tem tanto de humano como de heroico.

«Uma árvore de grande circunferência nasceu de uma raiz tão delgada como um cabelo; uma torre de muitos andares saiu de um punhado de terra; uma viagem de mil léguas começou por um passo».

Por isso devemos procurar que a propaganda crie em cada oprimido a fé e a coragem indispensáveis à sua libertação e nada de defectismos, só próprios de quem não crê em si mesmo.

Silva CAMPOS

A lição de hoje

na Escola de Militantes do Núcleo de Lisboa

Com a concorrência do primeiro dia, funcionam todas as quintas-feiras, no Núcleo de Juventudes Sindicalistas de Lisboa, as aulas de militantes e educação mútua que aquele organismo mantém na sua sede.

Hoje, com início às 21 horas, haverá nova lição, para a qual estão inscritos bastantes jovens e militantes operários.

LITERATURA REVOLUCIONÁRIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki	6\$00
Como se forja um Mundo Novo	6\$00
Cuentos de Itália	6\$00
La vida de um Hombre inncesario.	6\$00
Wladimir Korolenko	
El Imperio de La Muerte	6\$00
Dr. G. Feydoux	
La vida tragica de los Trabajadores	10\$00
Jean Masejan	
El matrimonio. El amor libre y la libre maternidad	10\$00
E. Reclus	
La Montaña	6\$00
El Arroyo	6\$00
Octavio Mirbeau	
El Calvario	6\$00
P. Krapotkin	
La etica, La revolucion y el Estado	6\$00
Luis Fabry	
Crítica revolucionaria	6\$00
H. Malatesta	
Ideário	6\$00
F. Dostoyevsky	
Los Hermanos Karamazov	9\$00
Trotsky. — Constitución política de la República de los Soviets	5\$00
G. Williams. — O congresso da Internacional Sindical Vermelha	1\$00
C. de G. O. N. M. — Proclamação consciente	5\$00

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários—Preço 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA

Edições de A SEMEITEIRA

Práticas neo-maltusianas	5\$00
O sentido em que somos anarquistas	5\$00
A peste religiosa	5\$00
A Liberdade	5\$00
A Internacional (música e letra)	3\$00
Pedidos à A BATALHA ou no Caiso Sodré, 82	

«A Batalha» no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

Vários aspectos da emigração que revelam claramente a miséria que se sofre neste país

PORTO, 2.— Quando, um dia destes, nós fomos à estação de São Bento antes da partida do rápido da tarde, desoladamente verificamos que entre os atarefados e afligidos passageiros que vinham do directo do Douro que acabava de chegar com o silvo agudo do seu estridente apito, se notava mais uma onda de emigrantes com os seus grandes talgões às costas! E nós, dominados por uma cólera pungente que nos dilacerava a alma, puzemos-nos a scismar no impenitente verbalismo jornalístico de que a imprensa, através de três dúzias de anos, se tem feito eco acerca do interminável exodo...

E pelo célebre convulsão nas mais febris recordações, passou-nos um formidável trecho de ilusão clara... que António Claro, Augusto Manuel Alves da Veiga e Bazilio Teles escreveram, de Madrid, em 12 de abril de 1891 e em nome dos emigrados da primeira revolução republicana portuguesa que acaba de se comemorar, a propósito dos «verdadeiros exércitos de emigrantes» que começaram a seguir, por vários paquetes, em direcção ao Brasil...

Já há 36 anos, os emigrados de 1891, outros tantos emigrantes por vias diferentes, dizem no seu célebre manifesto que repousa no seu arquivo documental da posteridade histórica: «O Elba levou 300; quinze dias depois, o Tagus transportou 400; e esta tremenda despoção vai proseguindo sem cessar. Não se trata de adultos ambiciosos de fortunas, rapidamente adquiridas. Numa fúria frenética, abandonam o solo português, como o estereotipado humus que integrou a maldição divina, as famílias, íntegras na sua homogeneidade. Vão mulheres, vão crianças do peito, vão anciãos no termo da existência. As aldeias ficam desertas, os casais de portas francas, para que a urze e o mato, vingadores, os amortalhem. «Ao repórter de um periódico officioso diz um velho de oitenta anos, apontando para a andorinha meninice que o cerca: «Aqui vamos todos; meus filhos, meus netos. Tudo vendemos em que pudéssemos apurar algum dinheiro. Fica a casa, com a chave na fechadura. O governo que a venda, se quiser».

Devemos convir que ainda hoje esse tremendo quadro de despoção, de abalação emocionante, ainda subsiste — não nas negras cores de outrora, porque no momento presente elas estão mais terrivelmente agravadas...

Naquela avalanche que se desprendeu do alto Douro, e talvez do alto Minho, até à gaze húmida de São Bento — como húmidos vinham os olhos dos desgarrados — lá se viam mescladas as tais mulheres com as crianças de peito, os novos com os anciãos no termo da existência — os filhos, os netos, depois de deixarem a chave na fechadura da casa deserta...

E as mesmas causas e os mesmos vícios que originavam, no tempo da monarquia dos Barjones, dos Hinztes e dos reinantes clientes do Pool, a sinistra débacle económica do esquecimento cidadão e rural — são os mesmos, com mais umas doses de agravamento atemorizante, que persistem na República com 16 anos de existência intermitente...

E para triste destino da história republicana-governamental-afonsista, após dois anos e pouco de vigente regime verde-ouro, os altos poderes do Estado deram-lhe para galgar, de uma forma contundente e positiva, por esta parafrase ao documento abultado supramencionado: «Obrigados a pôr os olhos neste espectáculo trágico, a sua opinião conservadora acabou por inquietar-se. Tocou-se a capitulação; chamou-se a mesquinha; convocaram-se os doutos, para que aconselhassem remédios eficazes ao mal que ameaçadamente se alastrava; e tal foi a instrução derramada pelas classes reputadas cultas, que nas associações comerciais das importantes cidades portuguesas se formulou o conspícuo alvitre de que se passasse a capitalizar cada emigrante nuns tantos escudos de multa... e em tanto tempo de cadeia».

E esta foi a solução lucrativa que os teóricos da propaganda republicana encontraram nos céus refulgentes da governação democrática, para a eficaz remoção dos perigos da crise agrícola, da crise económica das cidades — da espantosa emigração que são forçados a abandonar a «querida pátria»...

Hoje, com mais 13 anos a pesar na idade accidentada da República a braços com inúmeras enfermidades, encontramos na mesma situação de debilidade mental. Não houve duques capazes de robustecerem as células racionais dos mestres, dos doutos, das classes reputadas cultas. E as mesmas associações comerciais e industriais, e os mesmos sindicatos agrícolas, continuam a bater na mesa autônoma dos remédios com o mesmo cutelo operador das represões contra os emigrantes: fecharam-se os portos do Oceano Atlântico e as portas da fronteira para a Espanha. E para os que tentarem violar esta decisão, multa e cadeia. Eis o problema resolvido...

Tudo isto para quê? Para que os ricos agricultores possam, no seu verão, quando aperia o maior serviço dos campos, escolher à vontade «aqueles braços que, por efeitos de concorrência, se lhes entreguem o mais barato possível» — e, chegada a quadra das hibernas mutações da Natureza, reduzi-los às mais insignificantes proporções de efectividade, lançando-os outra vez para o triste ostracismo do desemprego, da miséria... do frio e das chuvas...

Para que aqueles que foram suprimidos, pela mecânica a vapor ou electricidade, nos seus mestres de serração rotineira que exerciam nos montes, nos pinheirais, nas devezas, nos bosques — continuem a andar por aí fora sem terem onde empregar a sua actividade grangeadora do seu pão cotidiano do alimento físico, já que o espiritual... é coisa de luxo na nossa terra...

Para que se chegue à desesperante situação, ao alitivo estado de, por meio de anúncios, como há pouco se deu aqui no Porto, haver quem ofereça 800\$000 escudos a depositar na mão do primeiro patrão que o empregue como criado interno de casa comercial ou como guarda, ou ainda como caixeiro de mercearia, padaria ou taberna...

Para, na impossibilidade de se conseguir colocação por mais humilde que ela seja, incorrerem na degradação estúpida de termos de registar o nome na paróquia a que pertenciamos, a fim de nos passarem um cartão de... pedinte profissional, sem o que não poderemos estender a mão à caridade...

Esta condição aviltante, que dizem ser provisória, é invenção dos nossos filantropistas portugueses chefiados pelo sr. Nunes da Ponte...

Embora um jornal conservador desta cidade nos diga: «A causa fundamental e principal da emigração é de natureza eco-

nómica — a «produção dos alimentos de que temos grande deficit, das matérias primas para a indústria vindas da agricultura da metrópole e das colónias e da força para todo o trabalho nacional e para as comodidades da vida, força obtida dos recursos portugueses em que predominará fatalmente a energia hidro-eléctrica» — continuará no mesmo absoluto desprezo por parte das entidades entendidas, embora com a arrelia do sr. Sarmiento Pimentel. Em compensação, o dinheiro dos empréstimos irá para a legítima defesa nacional... dos terrenos a baldio, das quedas de água abandonadas e, sobretudo, dos outeiros férteis e grandes campos hoje passados à esterilidade criminosa das excelentes empresas de foot-ball...

E embora o mesmo jornal conservador, muito erudito em números estatísticos de calamitoso deficit agrícola, prossiga a berrar por intermédio do articulista J. M., que «a razão bem clara, bem evidente, de famílias completas saírem do país, é não terem forma de se sustentarem, de viverem em Portugal» — as grandes e pequenas embarcações continuará a entrar no Porto — e quem diz no Porto — com toneladas e toneladas de trigo, de milho, de batata — oh! manes! — até de feijão, de cevada, de aveia, de cebolas e de cenouras, que de antes havia em mais abundância... Em troca, o que mais exportamos da nossa produção portuguesa, do que arrancamos à nossa terra tão blandida por um doce clima — são pipas de vinho e braços, aos milhares, de emigrantes...

Já disseram que as últimas colheitas foram escassas, foram um desastre. E ainda não tinha principiado a última intensificação e extensificação do movimento emigratório lusitano. Para as próximas colheitas, imaginem o que não será... Depois, em vez de oito mil toneladas que, só desde Dezembro pretérito até ao mês findo, vieram pela praça portuense, virão 80 milhões...

Mas tudo se há-de remediar... com as simples proibições e multas aos emigrantes... E' por isso que, por enquanto, se torna indispensável que antes da charrua esteja o material durandânico... dos empréstimos...

C. V. S.

A «paz», em Marrocos

Como se mantém a calma

FEZ, 2.— As recentes operações, empreendidas com êxito, a pesar do frio e da neve, contra os agitados Mubani ou Hamoni, causam uma viva impressão sobre as tribus Maayzen. A morte de dois ajudantes do chefe dissidente restabeleceu a calma nas altas regiões dos Beni Ouarain, onde a pacificação se estende cada vez mais dia a dia...

FESTAS ASSOCIATIVAS

A inauguração do Grupo Recreativo «Os Gatinhas»

Decorreram muito animadas e efusivas de alegria as festas de inauguração do Grupo Recreativo «Os Gatinhas» que tiveram lugar na passada segunda-feira. Houve alvorada, sessão solene em que falaram vários delegados dos grupos congéneres, bôdo aos pobres, concerto por um grupo musical e um jantar de confraternização no Restaurante «Bacalhau», que decorreu na melhor harmonia.

A sede, na Travessa da Cara, 3, estava gostosamente ornamentada com bandeiras e flores naturais.

Notas várias da Lisboa triste

Ainda o crime de Alcântara

Da cadeia do Limoeiro escreve-nos o recluso Alberto de Oliveira Ferreira, mais conhecido por Alberto Mulato, para nos pedir que em seu nome declaremos: que nunca bateu em sua mãe; que não é verdade ter assassinado pessoas na Serra do Monsanto; que não é verdade ter sido condenado à morte na América do Norte, pois nem sequer foi expulso desse país; e que está disposto a apresentar testemunhas que provem tudo quanto afirma.

Alí fica a declaração de Alberto Ferreira, que é aceite nestas colunas pela simples razão do referido preso se nos queixar de que os jornais que o atacaram se recusam a publicar a sua defesa.

Colhido por uma carroça

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado e seguido depois para casa, Manuel Martins, de 49 anos, natural de Setúbal, carroceiro, residente na rua Maria Pia, M. L., que, em Alcântara, foi colhido pela carroça de que era condutor, ficando ferido na perna direita.

Várias autópsias

No Instituto de Medicina Legal realizaram-se ontem as autópsias nos cadáveres de José Dias que, como noticiámos, caiu numa cocheira em Campolide, onde residia; de António Vieira de Almeida que, há dias, foi colhido pelo comboio em Chelas; e de Artur Luís Mateus, residente na vila Migueis, que foi colhido pelo comboio Entre Campos.

Os seus funerais realizam-se hoje, pelas 16 horas, para o cemitério do Lumiar.

MUSICA

O festival Wagneriano

O maestro Fernandes Fão escolheu para o 12.º Concerto da Orquestra Sinfónica Portuguesa que se realiza domingo no Gimnásio um programa verdadeiramente admirável que inclui famosas composições do portentoso maestro Ricardo Wagner. Esse programa dá-lo-hemos em breve aos nossos leitores, podendo desde já afirmar que ele deve causar a maior sensação entre quantos se interessam pelos assuntos musicais. Para este «Grandioso Festival Wagneriano» já estão à venda os bilhetes, no Gimnásio.

A festa de Fernandes Fão

A festa de homenagem ao maestro Fernandes Fão deve efectuar-se no Gimnásio na tarde de domingo 14, com um programa repleto de atractivos. Aqui fica desde já o aviso para os amantes de audições musicais de verdadeira sensação.

A BATALHA

na provincia e arredores

Vendas Novas

O estado das estradas

VENDAS, NOVAS, 1.— E' simplesmente vergonhoso o estado em que se encontram as estradas que circundam esta vila. A estrada nacional para a fronteira que, passa pelo centro desta povoação, no caminho de cemitério, encontra-se de tal forma, pelo lado da saída para Montemor, que a condução de cadáveres tem que ser feita em carros puxados a animais, porque as carretas funerárias não se podem conduzir.

Nem para se passar depois de morto a estrada serve...

Inúmeras têm sido as reclamações que a junta desta freguesia tem dirigido às repartições competentes, mas estas até à data ainda não se decidiram olhar para este vergonhoso caos.

Falta de iluminação

Torna-se penoso o trânsito de noite pelas panfanas ruas desta vila, devido à falta de iluminação pública, constando-nos que esta falta é facto da Câmara de Montemor não querer fornecer o petróleo à junta desta freguesia, como represália contra a pretensão desta freguesia e outras circunvizinhas quererem aqui formar um novo concelho. Se assim é, admira-nos bastante que Montemor, não se tenha também recusado a receber as importâncias provenientes de impostos e contribuições que as ditas freguesias ali lhe continuam a levar. —C.

Cascais

Cinema da Praia

CASCAIS, 1.— Continua a empresa deste cinema, a apresentar «filmes» muito escolhidos, anunciando-se para hoje uma sessão cheia de atractivos, atendendo à forma como o programa foi coordenado.

Tipo único de pão

Começou hoje a vigorar o novo tipo de pão nesta vila. E' deveras intrigável. Não nos anima a ideia de dizer mal por prazer, posto que concordamos absolutamente com o tipo único. Tal qual hoje se apresenta, é que não. E' bastante negro e mal cheiroso, não sabendo nós se em Lisboa será igual. Nada nos surpreende, que isto só em Cascais suceda, porque aqui o comércio, faz o que quer, e ninguém pensa em reprimir tais abusos. Os padeiros desta localidade, muito se têm salientado, sendo vulgar fabricarem um pão, que bastantes protestos tem originado.

Não deve o povo tolerar tais crimes, pois a continuarem a fabricar o pão como hoje, torna-se um perigo para a saúde de todos que o comam.

Um apêlo nos cumpre fazer aos manipuladores de pão desta localidade: «Lembrai-vos que também sois trabalhadores, e por sinal bastante explorados. Recusai-vos a colaborar nas mixórdias que os vossos patrões preparam, quem sabe se servirão até, para envenenar os vossos próprios filhos.» —C.

Portimão

Um tartufo que especula com a miséria dum seu companheiro de trabalho

PORTIMÃO, 29.— Há nesta localidade, um «ex-camaradinho» que se chama Domingos Leonor da Silva, pedreiro, que traz trabalhando consigo um operário pedreiro, ganhando o irrisório salário de 15\$ 0 que mal dá para enganar o estômago. Este operário entrega ao sr. Domingos ao fim de cada semana, a quantia de 6\$00. Como se compreende isto?

Então este tartufo já se esqueceu de quando era sócio deste Sindicato, e de quando não tinha trabalho, várias ocasiões teve de protestar contra a exploração infame de que alguns operários eram vítimas por parte dos empreiteiros e dos patrões? Já se esqueceu das suas lamentações quando dava notícia dos que trabalhavam ao domingo, e que não repartiam o trabalho com os que o não tinham? E o que tem feito? Muito pior de que todos aqueles a quem chamava amarelos, pois que todos os domingos trabalha.

Calculém os leitores o quilate do sr. Domingos, que quando lhe perguntam porque motivo deixou de ser sindicalista, tem o arrojado de dizer que o não é porque tem uma morada de casa. Então isso será motivo para descer até explorar os seus companheiros? Então já não se lembra de quando dizia que a casa nada valia, pois que só queria que todos fossem sindicalistas para conquistarem aquilo a que têm direito?

Pois sr. Domingos, daqui o aconselhámos a que arrepie caminho no seu proceder, que é baixo, porque isso não é próprio de trabalhadores mas sim de agiotas.

OS QUE MORREM

D. Ricardina Marques Lino

Com a avançada idade de 79 anos faleceu ontem a sr.ª D. Ricardina Marques Lino, mãe dos srs. António Marques Lino e Carlos Marques Lino, e avó paterna do operário tipógrafo da Informação Alfredo dos Santos Lino.

O seu funeral efectua-se hoje, pelas 16 horas, da casa da sua residência, rua do Laranjal, à Ajuda, 21, rés-do-chão, para o cemitério local.

ARQUIVANDO...

Declarações do ministro da Justiça sobre a lei do inquilinato

As modificações que vai sofrer a lei do inquilinato continuam a ser motivo de grandes apreensões. Não se sabe qual o critério do ministro da Justiça em relação ao magno problema.

Um jornal da manhã publicava ontem algumas declarações do dr. Manuel Rodrigues Júnior que convém arquivar. Eis-las: «Tenho, efectivamente, entre mãos a lei do inquilinato — disse aquele ministro, — mas não quero lhe introduzir modificações que a alterem na sua essência. O meu trabalho, lento e reflectido, visa quasi exclusivamente a codificar num único diploma toda a legislação em vigor sobre a matéria.

— Não há nada resolvido a tal respeito. O sr. ministro da Justiça aproveitou a ocasião para nos dizer que está preparando um diploma sobre assistência judiciária.

NOTÍCIAS DE BENGUELA

As manobras da Associação Commercial

Que haja fome no continente, não importa. Que importa mesmo que a classe faminta, aqueles que com o seu trabalho vão dia a dia sustentando os detentores do capital, definham, só porque lhes falte o pão barato ou em relação com os seus ganhos?

O ministro da Agricultura decidiu autorizar a entrada de milho estrangeiro em Portugal, medida que, uma vez conhecida nesta praça, originou grande sobresalto, reclamações para o alto comissário, etc., etc.

Pretende-se levar o ministro a dar o feito por não feito... e ao sr. Vicente Ferreira, a quem a Associação Commercial de Benguela telegrafou nestes termos:

«Informados baixa preço milho Lisboa virtude autorização exportação milho estrangeiro vemos agravar-se situação difficil commercio grandes prejuizos milho comprado e em embarque. Apeloamos elevado critério e patriotismo v. ex.ª pedindo faça sentir ministro importunidade e injustiça medida que afectará abalada economia provincia.»

Logo responderam informando de que havia telegrafado para Lisboa ao mesmo tempo que pediu ao governo deste distrito que inquirisse da quantidade de milho. A Associação Commercial informou dizendo que em viagem para Lisboa e pronto a embarcar 20 a 25.000 toneladas, nas quais, mantendo-se a permissão do ministro, haverá um prejuizo de cerca de 5.000 contos.

Com o telegrama que aqui transcrevemos pretende a Associação Commercial que se proíba a importação de milho estrangeiro, logo pretende impor que se não permita a concorrência, com a qual todos lucram.

O Comercio, jornal local, defensor dos interesses do Comercio, da Indústria e da Agricultura, referindo-se à autorização concedida pelo ministro da Agricultura para a entrada de milho estrangeiro, a que em minha última carta me referi, expande a mesma opinião, isto é, advoga a concorrência, porque dele apenas podem advir vantagens para alguns milhares de párias portuguesas; e acrescenta: «A caridade bem entendida começa por nós próprios; ora muito gostaríamos que nos dissessem se todo o milho de Angola chegaria ao seu destino em perfeito estado de boa alimentação, que não seja o dos irracionais, e às vezes nem estes o podem trazer. Se as exportações fossem escrupulosamente fiscalizadas, já não havia motivos para reclamações».

Não existe uma única organização operária neste distrito. Porquê? Não têm os operários de Benguela e Lobito motivos de sobra para se organizarem?

E os empregados do Comercio do distrito, porque é que esperam também?

Segundo a portaria provincial n.º 194 de 19 de Junho de 1922, foi autorizado um assalto à bolsa do contribuinte, imposto especial criado a favor da Associação Commercial de Benguela, destinado à construção do palácio do Comercio, orçado então no melhor de 1.800 contos. Este imposto findava uma vez atingida a verba orçamentada, entretanto o sr. passou há muito pela luz o imposto subsiste.

E o palácio do comercio, ainda casca, futuro «rendez-vouz» dos financeiros desta cidade em decadência, lá se vai guindando às culminâncias do infinito, donde ficará desafiando a miséria deste distrito.

Mais de 2.000 contos se gastaram já, dizem, e a sua conclusão está ainda longe.

Segundo a imprensa local, nunca se abriu um concurso para fornecimento de materiais como a boa lógica aconselhava, salvo para aqueles que os administradores da construção não tinham. A imprensa local acrescenta, ainda, que a construção do palácio continua a ser uma mina para privilegiados sorte merced da decadência da Raça.

Providências... só o sr. alto comissário as poderia tomar e eram tão simples!... Revogar a portaria 194. Faz-lo há? Veremos, mas até lá, os contribuintes continuarão pagando este imposto que se não justifica já, destinada a um luxo que é um arrependimento das nossas posses; os dinheiros continuarão desaparecendo na voragem da construção, enquanto os necessitados passem pela cidade mostrando nas suas faces cadavéricas os horrores da miséria e da fome.

Ha por aqui um número bastante elevado já de operários europeus, podiam dizer-nos quantos foram empregados nesta construção?

Mas saibam quantos que o encargo orçamentado de 1.800 contos está há muito coberto e bem coberto. Para que pois a continuação desta iniqua portaria do alto comissário? —C.

SOCIEDADES DE RECREIO

Troupe de Bandolinistas «Os Liras» — A's 21 horas, grandioso baile de máscaras dedicado a dois sócios, com «fox» a prêmio.

Sociedade R. Operário «A Portugal» — Hoje, às 21 horas, baile abrilhantado a piano pela s.ª D. Elvira Sanz.

Concentração Musical 24 de Agosto — A's 21 horas, baile abrilhantado a Terceiro Jaz-Band.

Suplemento semanal

ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$900.

Encadernação (por capas e índices) 20\$00.

Capas e índice em separado, 1\$33.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livreria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

TEATROS

No São Luís

«La Passante» de Kistemaekers

«La Passante» de Kistemaekers já levada scena em Lisboa é uma obra de efeitos misticos de enredo com todos os imprevisíveis dos velhos melodramas, com a exquisitice propria de assuntos romancescos, mais para produzir «irrisson», do que para excitar requintes de delicada sensibilidade. Poderá entreter, mas o que não consegue é emocionar, deter o espirito na mais ligeira cogitação.

Kistemaekers é quasi sempre assim. As suas peças confundem-se afinal com algumas do velho repertório espalhato, intenso de incidentes «pour épatar», copioso de situações berrantes.

Vera Sergine e Henri Rollan desenharam com grande intelligência os seus papeis com uma admiravel verdade, detalhando e vivendo emotivamente as passagens mais salientes da peça.

Nogueira de BRITO

Teatro Nacional

Devido ao grande êxito que ainda está obtendo, no teatro Nacional, o original «Justiça...» de Ramada Curto, o artista-emprezario Alves da Cunha conserva-o no cartaz, por mais alguns dias. No final desta semana deve estreiar-se a comédia espanhola «La locura de Don Juan», de Arniches, adaptada à nossa scena com o título de «O maluco das Avenidas Novas», pelos conhecidos homens de teatro Lino Ferreira e Alvaro Santos.

Solita Sanaújo no Foz

Dentre as «estrelas» das variedades que em Espanha têm aparecido nas ultimas temporadas, a triunfar pela sua arte e pela sua beleza, destaca-se a «cancionista» valenciana Solita Sanaújo. A sua estreia que se realiza esta tarde no Foz, reveste porisso uma excepcional interesse artistico.

«O olho da providência»

E', finalmente, esta noite que se effectua no Variedades em duas sessões, a anunciada «reprise» da celebre farça de Xavier da Silva e João Bastos, «O olho da providência», que faz hoje precisamente dez anos subiu à scena, pela segunda vez, também interpretada pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, no antigo Gimnásio, tendo obtido um êxito formidável.

Sobre «O olho da providência» se manifestaram os melhores criticos da época, todos eles afirmando que a notavel farça teve uma representação brilhantissima, tendo-se salientado a grande actriz Maria Matos no papel de «Providência Linhaça», que hoje veremos de novo no palco do Variedades, acentuando que o seu admiravel talento logra dar-nos aspectos novos em cada uma das suas figuras, e em meio das scenas mais inverosímeis, a perfeita impressão da verdade. Os demais papeis de evidente importância são interpretados por Silvestre Alegria, Henrique Alves, Maria Lagoa, Paz Rodrigues, Beatriz Belmar, Berta de Albuquerque, Joaquim Miranda, José Gamboa, Santos Melo, João Lopes, Cardoso, etc.

A «première» da «Arisca»

A companhia de declamação do teatro S. Carlos, dirigida pelo actor Clemente Pinto, não dá espectáculo nem hoje nem amanhã em virtude de ali se realisarem concertos nestes dois dias promovidos pela Sociedade de Concertos. Para o próximo sábado está marcada a primeira representação da celebre comédia espanhola «Arisca» que no país vizinho teve um êxito estrondoso e que vai à scena no S. Carlos com magnifica montagem, sendo os principais papeis desempenhados por Palmira Bastos, Maria Judice da Costa, Clemente Pinto, António Pinheiro e Henrique de Albuquerque.

A grandiosa «matinée» de hoje

Hoje há «matinée» no Coliseu dos Recreios em que têm entrada gratuita as crianças até dez anos, indo acompanhadas. No programa figuram os números ultimamente estreados com enorme agrado, Kathe Vermeke, a mulher mais forte do mundo, os ginastas icaros Island e Kelly, e todas as restantes notabilidades do elenco entre as quais os voadores Meteors, o domador de hienas Alenzimras, as belas e esculpturas Irmãs Schmettman, os cães e macacos de Miss Maud, o urso equestre apresentado pelo Arisson Cook, os «poney» boxeuses e musicais, os clowns Camotti e Felipi, etc. O programa do espectáculo da noite é também sensacional.

O êxito da «Mouraria»

Há peças que o público se não cansa de ver, de admirar e de aplaudir. «Mouraria», a formidável opereta portuguesa em scena no Apolo, não só se mantém em pleno sucesso neste teatro como parece destinada a sair mais do cartaz. Adelina Fernandes, que nesta peça canta deliciosamente o «Fado»; Maria-Laura, cheia de gratiosidade; Margarida Ferreira, intérprete do «Fado do Aljube»; Maria Mesquita, a comica «Morgada de Famalicao»; Almeida Cruz, no «José Manuel»; fidalgo e valente; Altavero Pereira e Artur Rodrigues, nos dois cultivadores do «Fado» e Pereira Arrigado, «arrojado» amador taumaturgico. «Mouraria», a unica opereta actualmente em scena repete-se hoje, em mais duas sessões, a preços reduzidos, os mais populares de todos os teatros de Lisboa.

Uma revista sensacional

A atenção geral, no que se refere a teatros, não deixa de convergir para o Eden, aonde, actualmente, se apresentam duas companhias, exibindo a unica revista que se encontra em scena. Intitula-se ela «Sempre fixe», e contém nada menos de 20 quadros interessantissimos, começando por uma pitoresca evocação ao Algarve. Tem a revista como «compère», o «Sempre fixe», Carlos Leal, que é dos nossos actores mais populares. Os espectáculos do Eden são por preços popularissimos o que também concorre para que tenham enorme affluencia de publico.

Solidariedade

Comunica-nos Candido Augusto Pires ter recebido de Joaquim Alves a quantia de 44\$00 produto de uma subscrição aberta nas «obras do Novo Manicómio de Lisboa».

IMPRENSA

«Diário do Porto»

Por não ter respeitado uns cortes da comissão de censura do Porto foi suspenso por 5 dias o nosso colega «Diário do Porto». Durante a sua suspensão publicar-se há um jornal: «O Diário».

TEATRO NACIONAL

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha

Hoje - A's 21,30 - Hoje

A celebre peça portuguesa

Justiça!...

Admirável trabalho de

Berta de Bivar - Adelina

Abranches-Alves da Cunha

Brilhante desempenho de toda a companhia

AMANHÃ: O Maluco das Avenidas Novas

TIVOLI

Matinée às 15 horas

Soirée às 21 horas

PARIS DIVERTE-SE

(«BONJOUR, PARIS»)

«Film» colorido da deslumbrante Revista do Grande Casino com a celebre MISTINGUETT e 200 artistas das mais formosas dos teatros de Paris.

QUAL É A ESPOSA?

Hilarante comédia americana em 6 partes. Esm. DOROTHY REWIE e FORD STERLING.

MUDO ACUSADOR

(de novela de JACK BOYLE). Seis partes com ELEA NORBOARDMAN e RAYMOND MAC KEE. Trabalho impressionante do Cão Lobo da Alcaia, «FIEL».

Revista cinematográfica

Audição especial pela Orquestra sob a direcção do maestro NICOLINO MILANO.

MARCO POSTAL

Evora. — Associação dos Pedreiros. — Recebemos vale de 950. Pagaram a assinatura do corrente mês. Coimbra. — Roberto das Neves. — Por ser muito interessante fizemos transitar para o Suplemento o artigo de F. M. Informa-se recebeu a encomenda. Setúbal. — Raúl Adão. — Não foi possível publicar vossa artigo como nos foi enviado.

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$00
Madrid, cheque		35\$31
Paris, cheque		37\$75
Suiza, cheque		38\$78
Bruxelas, cheque		24\$73
New-York, cheque		19\$58
Amsterdão, cheque		75\$4
Itália, cheque		38\$45
Brasil, cheque		23\$2
Praga, cheque		35\$5
Suecia, cheque		32\$4
Austria, cheque		27\$7
Berlim, cheque		45\$5

Espectáculos de hoje

TEATROS

Teatro Nacional — A's 21, 15. — Justiça!
Teatro S. Luís — A's 21. — La Riposte.
Teatro da Trindade — A's 21, 15. — O sr. que se segue.
Teatro do Gimnasio — A's 21. — O Caso do Dia.
Teatro Politeama — A's 21. — Os Filhos.
Teatro Apolo — A's 20, 30 e 22, 30. — Mourarias.
Teatro Avenida — A's 21, 30. — O Pé de Salsa.
Teatro Variedades — A's 8, 30 e 10, 30. — O Inferno.
Eden-Teatro — 20, 30 e 22, 30. — Sempre fixo.
Coliseu dos Recreios — A's 21. — Companhia de Circo.
Teatro Sálao Foz — A's 21. — Variedades.
Teatro Joaquim d'Almeida — A's 20 e 21. — Cinema e variedades.
CINEMAS
Tivoli — Todas as noites animatográfico.
Salão Olimpia — Todos os dias das 2, 30 da tarde às 12, 30 da noite. Sessões consecutivas de animatográfico e concerto musical. — Rua dos Condes.
Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO OURO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões — Dr. Armando Nogueira — A's 9 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Kine. — Vins urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Fiebre e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 4 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.
Doenças das crianças — Dr. Emilio Paisa — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Mano — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.
Ecce e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Cancro e radio — Dr. Cabral de Melo — 1 hora.
Mal X — Dr. Azeite Salgueiro — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

A VENDA A 11.ª SÉRIE de "Os Mistérios do Povo"
Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução francesa.
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.
A obra mais barata que no género se publica

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA
E' o titulo do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o titulo genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 43 desta novela intitulada *Martinho*, de Federico Montseny. Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Humberto. — E o seu afilhado, o pequeno Rodin?

O Jesuita. — Ele tem crescido com a graça de Deus, e está actualmente em Roma, no seminário da nossa companhia.

O financeiro conduziu o reverendo padre Morlet até à porta do seu gabinete, depois tocou a campainha e disse ao criado que introduzisse imediatamente João Lebronn.

Humberto. — E qual pode ser o motivo da viagem de meu sobrinho a Paris? Oxalá que me não traga más notícias de minha pobre irmã; as suas últimas cartas não me faziam prever nada de desagradável. Ah! cá está ele. (Indo ao encontro de João Lebronn e estendendo-lhe a mão). Seja bem vindo, meu caro sobrinho! Em primeiro lugar sossegue o meu espírito com relação a minha irmã e minha sobrinha. Elas passam bem de saúde?

Lebronn. — Carlota e a mãe gozam perfeita saúde, e encarregaram-me de vir certificar disso, eu quis desempenhar-me dessa missão no mesmo dia da minha chegada. Nós vivemos felizes na tranquila cidade de Vannes, sempre ocupados com o nosso comércio de panos.

Humberto. — Donde concluo que já se não ocupa de política, e disse o felicito, meu caro sobrinho. A República era uma quimera, como eu outrora dizia; e a quasi morte hoje, e amanhã terá já exalado o último suspiro. O meu caro sobrinho chega exactamente a tempo de lhe assistir ao enterro. Oxalá ela não renasça das suas cinzas!

Lebronn. — A República é como o Lázaro do Evangelho; se a enterrarmos, ela quebra logo a pedra do túmulo. Mas ponhamos de parte a política, que nunca nos havemos de entender a esse respeito. Já se sabe que há de ser sempre assim. Estou encarregado por minha mulher e por minha sogra de lhe pedir notícias de meu sogro, seu colega no Conselho dos Anciãos, de quem não temos recebido notícias.

Humberto. — Meu cunhado é sempre o mesmo?

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório: Calçada do Combro, 38-A. 2.º

NAO SOFRAM MAIS!



— Usem HERPETOL para as —

doenças da pele (—

Uma gota deste medicamento acalma e fazem por completo desaparecer a comichão. O HERPETOL é na realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, CROSTAS, ARDENCIA NA PELE e MORDEDORES DE INSECTOS. Instantes depois da aplicação, o doente sente com regozijo sintomas de restabelecimento.

A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco é o suficiente para uma cura. Se sofrer, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.

Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

ATENÇÃO!!!

Vendem-se directamente das fábricas ao público lanifícios, assim como fatos por medidas em bons estambres desde 200, 250 e 300\$00. Fatos feitos para homem em casimira, em todas as medidas, desde 100, 120, 130 e 140\$00. Fatos feitos para rapaz desde 70\$00. Calças já feitas para homem em todas as medidas, desde 30, 35, 40 e 50\$00. Grande stock de casacos de senhora desde 80, 100, 120 e 140. Casa dos Lanifícios. Calçada do Combro, 72-74.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede -- Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Mediante um ligeiro sub-prémio, A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo de

DOENÇA E INVALIDEZ

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

DA

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages

espalhados pela cidade servem os seus

clientes com grande economia

de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede)

e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Concurso para adjudicação da venda de lotaria da Santa Casa da Misericórdia, na estação de Lisboa, Terreiro do Paço

Faz-se publico que no dia 10 de Fevereiro de 1937, pelas 13 horas, no Gabinete do Serviço Central do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, na estação do Barreiro, perante o respectivo engenheiro-chefe do Serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da venda da lotaria da Santa Casa da Misericórdia na estação de Lisboa — Terreiro do Paço.

Para ser admitido a este concurso, tem o concorrente de mostrar que effectou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de Esc. 20\$00 (vinte escudos), depósito que será feito até 15 horas do dia 8 de Fevereiro de 1937.

A base de licitação é de Esc. 350\$00 (trezentos e cinquenta escudos).

O concorrente a quem a adjudicação for feita, reforçará no prazo de 5 (cinco) dias a contar da data em que lhe for comunicada a adjudicação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para preferir 10 % da importância total da adjudicação.

Este reforço há-de realizar-se na mesma Tesouraria onde foi feito o depósito provisório e ficará à ordem desta direcção por intermédio da Caixa Geral de Depósitos, para onde será posteriormente transferida.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção de Tráfego e Reclamações — Palácio Coimbra, em Barreiro e na Secretaria da Direcção, Rua de S. Mamede, ao Caldas, número sessenta e tres, nesta cidade, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis, das onze às dezasseis horas.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1937. — O engenheiro-director, Indício Pimentel.

"Arquitectura"

Revista mensal, acaba de sair o n.º 1. A venda na administração de A Batalha.

Preço 3\$00, pelo correio 3\$60.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de

RICARDO MELLA,

"IDEARIO",

que consta dum volume

de 336 páginas dividido

nos seguintes capitulos:

Doctrina — Critica Social — Educação

Libertaria — Tactica — Evolução e

Revolução — Violência — Libertad /

Autoridade — Ensayos Filosóficos —

Idéias Iconoclastas — Moral

Temas sociológicos — Pedagogia —

Vida Espiritual — Homens Representa-

tivos — Trabalhos Polémicos — Lec-

turas — Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à administração de

"A BATALHA"

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Assinatura: ano 30\$00; semestre 15\$00.

Número avulso 3\$00.

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retozeiros, 125 — LISBOA.

A venda na administração de "A Batalha".

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar em folheto, o decreto 5318, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, segundo seu preceito artigo 2.º.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abate de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

SECCAO DE LIVRARIA DE "A BATALHA"

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização da Social Sindicalista

Antonelli. — A Rússia bolchevista. 3\$00

Cura Merlier. — A razão dum padre. 2\$00

Dufour. — O sindicalismo e a próxima revolução (2 volumes). 5\$00

Emilio Bossi. — Cristo nunca existiu. 8\$00

Geo Williams. — Relatório dos delegados dos J. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou. 6\$00

Gustavo le Bon

As primeiras consequências da guerra. 8\$00

Ensaios psicológicos da guerra europeia. 8\$00

Leis psicológicas da evolução dos povos (enc.). 6\$00

Guyau. — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção. 5\$00

Educação e Hereditariedade. 4\$00

Hamou

A conferência da paz e a sua obra. 5\$00

As lições da guerra mundial. 3\$00

 O movimento operário da Grã-Bretanha. 5\$00 || Psicologia do socialismo-anarquista. 5\$00 |
| A crise do Socialismo. 5\$00 |
| A psicologia do militar profissional. 5\$00 |
| Henrique Leone. — O Sindicalismo. 4\$00 |
| Heliodoro Salgado. 10\$00 |
| O culto da Imaculada. 5\$00 |
| Jean Grave. 5\$00 |
| A sociedade futura. 4\$00 |
| Joseph I. Ettor. — Unionismo industrial. 5\$00 |
| Julio Guesde. — A lei dos salários. 5\$00 |
| Justus Ebert. — Os J. W. W. na teoria e na prática. 3\$00 |
| Krapotkin. 1\$50 |
| Anarquismo, sua filosofia e seu ideal. 10\$00 |
| A Grande Revolução (2 vol.). 5\$00 |
| A moral anarquista. 5\$00 |
| Os bastidores da Guerra. 3\$00 |
| O Estado e o seu papel histórico. 1\$50 |
| Lazarre. — A Liberdade. 5\$00 |
| N. Lénine. — Os problemas do poder dos Soviets. 1\$50 |
| O Estado e a Revolução. 4\$00 |
| Landauer. — A Social Democracia na Alemanha. 5\$00 |
| Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo. 3\$00 |
| Marx. — O Capital. 5\$00 |
| Melchior Inchofer. — Monarquia jesuita. 3\$00 |
| Nietzsche. 4\$00 |
| Anti-Cristo. 4\$00 |
| Genealogia da moral. 4\$00 |
| Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural — Geórgicas. 3\$5 |
| Tomás de Fomseca. — Sermões da Montanha. 21\$00 |
| Concepção Anarquista do Socialismo. 3\$00 |
| A greve dos inquilinos. 1\$00 |
| Novikov. — A emancipação da mulher. 4\$00 |
| Pataut e Pouget. — Como faremos a revolução. 4\$00 |
| Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários. 1\$50 |
| Sebastião Faure. — Doze provas da inexistência de Deus. 1\$50 |

A venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo. 5\$00

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lefèvre. 5\$00

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva. 1\$50

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar. 1\$50

A Humanidade, por Taraf Javol. 1\$50

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e J. Budin. 2\$00

Monarquia Jesuita, por Melchior Zuchow. 2\$00

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série. 2\$50

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva. 2\$50

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas. 3\$00

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia. 3\$50

A Filologia perante a História, por Nobre França. 5\$00

Tófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho. 3\$00

O que é o socialismo, por E. Soisson. 1\$50

Os direitos do Estado, por A. Levisse. 2\$50

O corpo humano, por A. Levisse. 2\$50

Gravidez e parto, pelo dr. Desvurmeaux. 1\$50

Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira. 2\$00

Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira. 1\$50

JUBOL

Prisao de ventre

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

Reeduca o Intestino

vida pela Sociedade Naturista. Entrada n
vrc. No final dois vegetarianos demonstra
rão a sua cura e saúde pelo regime alimen
tar que seguem.